

A ARTE RUPESTRE DA SERRA DO CABRAL (MG) E A OCUPAÇÃO HUMANA NOS A-  
BRIGOS DA REGIÃO: ABORDAGEM INICIAL

Paulo Roberto Seda

Laura P. R. Silva

Rosângela Menezes

pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira(IAB)

Em 1972, com o desenvolvimento do PROPEVALE (1), as prospecções do IAB atingiam a região da Serra do Cabral, situada no médio vale do São Francisco, entre as bacias dos rios das Velhas e Jequitaiá. Inicialmente foram realizadas prospecções nos Municípios de Lassance e Joaquim Felício, tendo sido localizados, respectivamente, um e dois sítios. Em 1974 retornou-se a J. Felício, localizando-se mais um sítio e, no ano corrente, prospeccionamos o Município de Buenópolis, logrando localizar oito sítios (2). Dados dos sítios localizados em 1972/74 já foram divulgados em outras oportunidades (Cf. CARVALHO e CHEUCHE, 1975 e CARVALHO e SEDA, 1982).

Além disto, outras instituições vêm realizando prospecções na região (3), tendo sido localizados mais nove sítios em Lassance (Cf. DE PAULA e SEDA, 1982). As sinalações rupestres levantadas em tais prospecções, serviram inclusive para a proposição do Estilo Cabral, da Tradição PLANALTO (PROUS, LANNA e DE PAULA, 1981).

Os municípios de Buenópolis e Lassance inserem-se na chamada Frente III do PROPEVALE, correspondente ao baixo curso do rio das Velhas (sigla de cadastramento VF), enquanto J. Felício encontra-se inserido na Frente VI, bacia do rio Jequitaiá (sigla de cadastramento EF) (Cf. DIAS JR. 1975, 1982 e DIAS JR., CARVALHO e CHEUCHE, 1976). O acesso à Serra é bastante difícil, sendo na maior parte das vezes por estradas bastante íngremes e pedregosas, só sendo realmente transitável por veículos a tração ou a cavalo.

Os trabalhos realizados foram os de rápidas prospecções, com levantamento de arte rupestre (decalcagens, fichamentos e fotografias), realização de cortes-testes quando necessário e levantamento de dados acerca do meio ambiente.

A Serra do Cabral, chama atenção pela ocorrência de inúmeras pinturas rupestres, nas quais se destacam, visualmente, zoomorfos de grande tamanho e detalhamento. Contudo, causa estranheza o fato de ser este praticamente o único vestígio ocupacional observado (embora alguns abrigos ofereçam excelentes condições de habitação). No presente trabalho objetivamos relacionar os dados das prospecções e caracterizar a arte rupestre da região, discutindo alguns itens importantes, como a falta de outros vestígios ocupacionais e a proposição de uma cronologia para estas sinalações. Pretendemos ainda, demonstrar a ocupação sucessiva e permanente da região, pelos grupos humanos, procurando na medida do possível identificá-los, tendo sido para isto, de grande importância a análise do material cerâmico e lítico recolhido na região, a qual encontra-se em anexo a este trabalho.

Este texto portanto, extrapola a mera descrição das pinturas da região e insere-se numa caracterização geral da arqueologia da Serra do Cabral.

#### I - MEIO AMBIENTE

Os Municípios de Lassance, buenópolis e J. Felício, estão localizados ao longo do vale do São Francisco mineiro, nas proximidades do curso médio deste, em região de alta superfície denominada Serra do Cabral, e esta, por sua vez, insere-se em áreas que formam o "complexo" da Serra do Espinhaço.

Na região do curso médio sanfranciscano, encontram-se frequentes depressões e barrancas, às vezes recobertas de vegetação, que pela sua formação arenosa, tornam-se mais sujeitas às erosões e modificações no seu relevo. Como tributários deste rio, na margem direita, que abrangem a região em estudo, citam-se o rio das Velhas e o rio Jequitaí (dos quais a Serra do Cabral é divisor de águas), além de um variado sistema hidrográfico, formado por rios (na sua maioria) perenes.

Nas proximidades desta região, observa-se um conjunto de formações geológicas transformadas, através da erosão, de extensos dobramentos, em diversas cadeias de escarpados morros que se direcionam para o norte, denominada Serra do Espinhaço, que ultrapassam 1.200m de altitude, numa faixa de 50 a 100 Km de lar-

gura por 1.000 Km de extensão. Esta serra, constituída por formações proterozóicas serve como divisor de águas entre as Bacias do São Francisco e os rios que correm diretamente para o Atlântico. As rochas que compõem a Serra do Espinhaço pertencem às Séries Minas, Itacolomi e Lavras, além da ocorrência de gnaisses e granitos pertencentes ao complexo cristalino.

A Serra do Cabral, inserida no complexo de rochas da Série Itacolomi é constituída por conglomerados quartzíticos e arenitos (diferenciados destes pela granulação), ambos apresentando-se, por vezes, sob a forma de matações. Observa-se, também, afloramentos de cristal de quartzo e raramente filitos. O relevo é pouco acidentado, com rochas muito resistentes à erosão, pois, além dos dobramentos, tais rochas desta série sofreram intrusões de pegmatitos, rochas diamantíferas e diabásio.

Os escarpamentos que limitam a zona dos chapadões (estes estendem-se do Estado de Minas Gerais até o sudeste goiano) estão presentes desde a Serra do Cabral até os serrotes do Município de Paratinga e descrevem "uma curva de grande raio, destacando-se, em suas frentes, remanescentes das suas posições anteriores que se vergam para noroeste na parte central de grande curva" (Geografia do Brasil - IBGE, v. 3, p. 23).

Os Municípios de J. Felício e Buenópolis acham-se localizados na porção oriental da Serra do Cabral e o Município de Lassance, na sua porção ocidental.

O clima das regiões elevadas da Serra do Espinhaço, segundo Koppen, é o CWb temperado de altitude, com verões brandos e invernos frescos. Porém, pela abordagem de Edmon Nimer (op. cit., p. 77), o clima nestas áreas, com cota altimétrica de 1.000 a 900 m, enquadra-se na classificação Mesotérmico Brando, de temperatura amena e com média anual variando de 19 a 18 °C. A temperatura máxima no verão oscila entre 20 e 18°C e no inverno, entre 15 e 10°C, ocorrendo nos meses mais frios de junho-junho, médias diárias de 1°C, já tendo sido inclusive, registrada a ocorrência de geadas, embora estas sejam raras. A precipitação média anual no trimestre mais chuvoso, quando ocorre maior concentração de águas (55 a 60%), é de 600 a 1.000 mm.

A cobertura vegetal da Serra do Cabral caracteriza-se pela presença dos cerrados, cerradões e campos limpos. Os cerra

dos, que recobrem as extensas superfícies regulares ou apenas suavemente onduladas da serra, em solos de argila bastante compacta ou areia, apresentam dois estratos: o superior, formado por arbustos e árvores de pequeno porte (atingem 3 a 4m de altura), com cascas grossas e troncos tortuosos e o inferior, formado por vegetação herbácea, onde predominam as gramíneas. Os cerradões ocorrem nas áreas onde há variação de solo e irrigação, com solos mais ricos em sais minerais, água e a vegetação mais alta e mais densa. Estruturalmente são formados por três estratos: o primeiro, o superior, é arbóreo (chega a atingir 8 a 12m de altura); o segundo é arbustivo (com elementos que atingem de 1 a 3m de altura). O terceiro, inferior, é herbáceo, mais ralo e de porte bastante reduzido. Os campos limpos, que predominam na paisagem vegetal da área em estudo, recobrem as formações quartzíticas da serra, nas altitudes superiores a 900-1.000m em solos silicosos e ácidos. Tais campos são caracterizados por uma cobertura herbácea, onde predominam os capins de tufo intercalados por raros arbustos e árvores típicas do cerrado, bromeliáceas, musgos, líquens e gramíneas. É comum a presença, em extensas áreas dos campos, das "sempre-vivas" (*Helichrysum* sp.), flores secas, cuja coleta ainda representa uma atividade econômica para parte da população local. Contrastando com a paisagem descrita, aparecem, ocasionalmente, as matas ciliares ou galerias que acompanham as margens dos cursos de águas perenes e também vegetação peculiar às terras baixas e alagadiças, onde predomina a palmeira buriti (*Mauritia vinifera*).

Em relação a fauna existente, ainda podem ser encontrados animais como aves de diversos tipos: ema (*Rhea americana*), seriema (*Microdactylus cristatus*), codorna (*Nothura* sp.) perdiz (*Rhynchotus* sp.), etc; veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), veado galheiro (*Blastocerus dichotomus*), mocô (*Kerodon rupestris*), cachorro do mato (*Cercopithecus* sp.), gato do mato (*Felis* sp.), tuiuti (*Tupinambis teguixin*), gambá (*Didelphis marsupialis*), tatu (*Dasypodidae*), etc. Os rios, segundo informações, são muito pouco piscosos.

A paisagem na Serra do Cabral, de um modo geral, acha-se hoje muito modificada em grandes áreas devido, não só ao seu aproveitamento para a pecuária, como também pelo trabalho que vem sendo realizado pela Cia. de Reflorestamento Serra do Cabral Agro-Industria (entre outras), no plantio de *Pinus* e *Eucalyptus*,

interrompendo abruptamente a paisagem natural da região.

## II - SÍTIOS PESQUISADOS

Os sítios pesquisados foram em número de doze, a saber:

1. Município de Lassance - sítio MG-VF-01, Lapa do Marimbondo;
2. Município de Buenópolis - sítios MG-VF-03, Lapa do Nego I; MG-VF-04, Lapa do Nego II; MG-VF-05, Lapa da Ema; MG-VF-06, Lapa Pintada III; MG-VF-07, Lapa dos Peixes; MG-VF-08, Lapa do Buriti; MG-VF-09, Lapa do Tanque e MG-VF-10, Lapa da chuva;
3. Município de J. Felício - sítios MG-EF-03, Jataí; MG-EF-04, Pedras Altas e MG-EF-07, Abrigo Catulé.

Numa descrição geral dos sítios encontrados, percebemos que todos eles são abrigos, tendo em média ca. de 20m de comprimento (um único com menos de 10m), 8m de largura (um único com mais de 10m) e 4m de altura (um único com menos de 3m). A rocha base de todos os abrigos localizados em Buenópolis é o arenito, enquanto que nos demais é o quartzito. Todos são de fácil acesso (embora a região não o seja) e estão próximos a água (no máximo a 1 Km). Todos os sítios apresentam sinalações rupestres sendo que somente três delas apresentam outro tipo de evidência ocupacional, mesmo assim superficial.

De forma geral, os sítios encontram-se bastante danificados pela sua utilização por garimpeiros de cristal, coletores de flores secas e caçadores. Os abrigos de Buenópolis, por exemplo, normalmente, apresentam-se com o solo coalhado de lascas de cristal de quartzo, pois é comum os garimpeiros desta rocha utilizarem o seu interior para fazer o lascamento das mesmas.

Normalmente, os abrigos visitados não oferecem boas condições para habitação (Cf. PAVIA, 1975).

## III - ANÁLISE DO MATERIAL RECOLHIDO

### 1. Cerâmica

Nos sítios Lapa do Nego I e Pedras Altas, foram coletados 36 e 12 cacos, respectivamente, localizados à superfície. Após os costumeiros trabalhos de análise, foi possível verificar-se, que o material proveniente do primeiro sítio silia-se à Tra-

dição Neo-brasileira, enquanto que o do segundo à Tradição Tupi-grarani (para maiores detalhes ver Anexo 1).

## 2. Lítico

Em três dos sítios pesquisados logramos localizar material lítico, embora superficial: na Lapa do Nego I, lascas de arenito com evidências de uso; na Lapa Pintada III, 2 artefatos de seixos e 1 artefato de bloco; no sítio Pedras Altas, lascas de quartzito e quartzo, igualmente com sinais de uso. A análise posterior, permitiu classificar os artefatos identificados em facas, raspadores, lâmina de machado e prē-forma (para maiores detalhes ver Anexo II).

## 3. Sinalações

Foram analisadas 290 pinturas, classificadas, de acordo com a nossa terminologia (Cf. DIAS JR., 1979), quanto ao tipo de representação, a técnica e a cor. A análise apresentou os seguintes resultados:

3.1 Representações: 169 zoomorfas (58,3%), 82 não figurativas (28,3%), 22 geométricas (7,6%), 12 antropomorfas (4,1%), 3 astronômicas (1%) e 2 fitomorfas -?- (0,7%);

3.2 Técnica: 154 lineares (53,1%), sendo 97 (33,4%) linear com preenchimento por traços (4), e 136 em silhueta (46,9%).

3.3 Tratamento: 238 esquemáticas (82%) e 52 realistas (17,9%)(5) ;

3.4 Cor: 246 em vermelho (84,8%), 36 em amarelo (12,4%), 7 bicromas (2,4%) - sendo 3 em preto/amarelo, 3 em branco/amarelo e 1 em vermelho/branco - e 1 em branco (0,3%).

As figuras zoomorfas predominam tanto entre as lineares, como entre as silhueta (66,6% e 52,2%, respectivamente), seguidas das não figurativas - "sinais" - (14,9% e 40,4%). O tratamento esquemático predomina em ambas as técnicas (69% e 127%), bem como a cor vermelha (82,4% e 90,4%). As cores branco e preto, estão restritas a técnica linear.

## IV - CONCLUSÃO

Os trabalhos realizados na região da Serra do Cabral mostraram-se importantes no sentido de confirmar algumas idéias já

anteriormente estabelecidas, trazer maiores esclarecimentos sobre outras e ainda acrescentar algumas novas. Se os sítios estudados não oferecem informações precisas ou seguras acerca da ocupação humana na área, foram importantes no sentido de caracterizar melhor a arte rupestre local, que parece possuir algumas linhas bem definidas.

As observações acerca do meio ambiente, foram importantes para a compreensão da área como possuidora (devido sobretudo a altitude, nunca inferior a 1.000m e por vezes superior a 1.200m, que ameniza o clima) de nichos ecológicos diversificados, desde o cerrado até a mata galeria, embora pareça haver uma predominância dos campos limpos. Tal diversidade de nichos ecológicos, implica em diversidade de recursos. Até hoje a região é reconhecida como área propícia à caça e utilizada para tal. Os bandos de emas, mocôs, veados e outros, ainda são comuns e os sítios mais antigos falam mesmo em antas (*Tapirus terrestris*), caititus (*Tayassu tajacu*) e onças (*Felis sp.*), habitando o local (embora atualmente já sejam bem mais difíceis de serem encontrados) (6). Outro fato que bem demonstra a excelência do meio na serra, é a sua utilização como área de invernada para o gado, já que ali, a seca quando chega, é de forma bem atenuada. Infelizmente, nos últimos anos, os reflorestamentos já vêm pondo em risco esta reserva natural.

No tocante às sinalações, todas são de fácil visibilidade e sua conservação varia de boa e muito ruim, Embora, na maior parte das vezes, estas se encontrem expostas ao sol ou à chuva, não é este o principal fator de deterioração das mesmas, mas sim o fato dos sítios serem constantemente utilizados como acampamento pela população local. O caso da Lapa Pintada III chega a ser catastrófico: fogueiras acesas sucessivamente no seu interior, enegreceram por completo esta que é apontada, pelos mais antigos, como uma das lapas mais decoradas da região. As principais ocorrem principalmente no teto ou no fundo das lapas (quando não nos dois locais). Os motivos zoomorfos, bem como o tratamento esquemático, exercem um predomínio grande sobre os demais motivos e sobre o tratamento realista (58,3% e 82% respectivamente). A técnica predominante é a linear (53,1%) e a cor a vermelha (84,8%). Chama a atenção, o fato de os zoomorfos executados pela técnica linear com preenchimento portraços, exercerem um grande domínio visual, e também um domínio quantitativo dentre os motivos, porém de forma

absoluta, pois representam 30,3% do total das figuras. Dentro de uma classificação ampla, podemos dizer que a maior parte das sinalações são zoomorfos, em silhueta, esquemáticos, vermelhos (28,2%), seguidos de representações não figurativas, em silhueta, vermelhas (24,4%) e zoomorfos, lineares, realistas, vermelhos (19,1%).

A partir desta caracterização geral, algumas observações podem ser feitas: todos os sítios apresentam sinalações semelhantes, sendo que pudemos perceber pelo menos três momentos diferentes para a execução destas sinalações. Na Lapa do Nego II, as sinalações em silhueta aparecem sobre as lineares, enquanto que na Lapa dos Peixes aparecem pontos vermelhos dentro de esfoliamentos que, pela coloração da superfície da rocha, indicam terem ocorrido após a execução das demais figuras. Desta maneira, tudo parece indicar a existência de uma sequência cronológica para estas sinalações, em que as mais antigas seriam aquelas executadas em linear, seguida daquelas executadas principalmente em silhueta e, finalmente, das séries de pontos, sendo que as séries da Lapa do Buriti e do Pedras Altas também se enquadrariam no final da sequência (7).

Ao momento mais antigo corresponderiam, principalmente, os zoomorfos lineares com preenchimentos por traços (66,7%), que, por serem figuras normalmente grandes, mais realistas e elaboradas, exercem um domínio visual, tendendo a eclipsar as demais. Tal tipo de representação, assemelha-se a algumas encontradas no vale do Jequitinhonha (CARVALHO e SEDA, op. cit.). Ao segundo momento correspondem figuras menores, menos elaboradas, sem muita noção de movimento e executadas, sobretudo, em silhueta. Embora os zoomorfos ainda predominem, a sua ocorrência diminui (53,8%), enquanto aumenta a ocorrência de não figurativos (38,6% contra 13,6% no primeiro momento). Observa-se também uma diminuição bastante acentuada das figuras geométricas (0,3%) em relação as de técnica linear (7,2%). No tratamento, nota-se também um acentuado aumento das figuras esquemáticas (de 69% para 96,2%). Por fim, as sinalações deste segundo momento assemelham-se as encontradas por nós na região de Varzelândia e adjacências (SEDA, 1982). A sequência seria encerrada pelas séries de pontos, que no entanto representam apenas 2,4% do total das representações.

Logicamente, podem ocorrer representações lineares ligadas ao segundo momento e vice-versa, contudo, a predominância destas em momentos diferentes nos parece evidente. Aos dois momen-



tos mais antigos e provavelmente também ao mais recente, devem corresponder determinadas representações não figurativas, as quais, infelizmente, ainda não pudemos fazer as associações necessárias.

Outro fato importante, é a inexistência de evidências de ocupação nos sítios, à exceção das sinalações (8). Somente três sítios apresentaram outro tipo de material, sendo que em todos os casos trata-se de material superficial (inclusive alguns vasos cerâmicos sobre as pedras na Lapa do Nego I e, na Lapa Pintada III, artefatos líticos na área externa do sítio). Sondagens feitas não revelaram qualquer outro vestígio ocupacional.

Com base em todos estes fatos podemos concluir que: 1º) as sinalações da Serra do Cabral não constituem uma única unidade, mas representam pelo menos três momentos diferentes, o que talvez signifique grupos ou populações culturalmente diferentes ocupando os abrigos através dos tempos;

2º) estes momentos diferentes poderão futuramente, com o aperfeiçoamento de nossas idéias, vir a caracterizar três estilos diferentes;

3º) embora possamos identificar momentos diferentes para a execução das sinalações; não podemos precisar ainda a que época estes momentos estariam ligados, já que a falta de outras evidências ocupacionais torna praticamente impossível qualquer tentativa de datação para os mesmos;

4º) a falta de evidências ocupacionais, que não as pinturas, demonstra claramente que os abrigos não eram utilizados como área de acampamento ou habitação, mas sim exclusivamente para a execução de pinturas. Diante disto, podemos aventar a hipótese de uma finalidade cerimonial para estes abrigos (9);

5º) se os grupos não ocupavam efetivamente os abrigos, duas possibilidades podem ser aventadas: ou estes grupos habitavam sítios a céu aberto ou outras lapas, não localizadas, na própria região; ou não viviam realmente ali, subindo até o alto da serra somente para executar suas pinturas e/ou caçar (provavelmente em épocas de maior escassez de recursos na região em que viviam). De qualquer forma não ocupando efetivamente os abrigos pintados. Lógico está, que para comprovarmos qualquer destas hipóteses é imperioso a localização destas áreas de acampamento ou habitação.

Diante do que observamos hoje em relação ao meio ambiente da região, é perfeitamente válido supormos que os grupos

pré-históricos tivessem à sua disposição recursos ainda mais abundantes e permanentes, já que "embora não possamos projetar no passado, sem mais, esses ambientes com as suas características atuais, em grandes linhas eles deverão ter sempre existido" (SCHMITZ, 1980 - p. 204). De acordo com isto, esta o fato dos abrigos locais virem sendo ocupados sucessivamente e ininterruptamente pelos grupos humanos: primeiramente por caçadores-coletores (o que pode ser depreendido por determinadas pinturas), posteriormente por grupos de horticultores, grupos neo-brasileiros e, finalmente, por populações atuais (garimpeiros de cristal, coletores de flores secas, etc.). As sinalações existentes e os caçadores de agora, demonstram ainda a sua riqueza em caça e outros recursos ao longo dos anos.

A região oferecia assim, excelentes condições de subsistência aos grupos pré-históricos e, devido a diversidade de nichos, recursos durante todo o ano (Cf. SCHMITZ, op. cit.). Desta forma, somos tentados a acreditar que estes grupos realmente viviam ali, a céu aberto ou em outras lapas não localizadas, e que utilizavam determinados abrigos somente para a execução de suas pinturas, muito provavelmente atribuindo a esta atividade um cunho cerimonial. Contudo, tais hipóteses, somente o aprofundamento das pesquisas poderão ou não confirmar.

Rio de Janeiro, setembro, 1983

## NOTAS

- (1) O PROPEVALE (Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco), sob coordenação do Prof. Dr. Ondemar Dias Jr., iniciado em 1970, propôs-se, em sua primeira fase, a levantar o maior número de dados prospeccionando a maior área possível. Hoje, ele prossegue através do Programa Grutas Mineiras (onde estão sendo escavadas grutas selecionadas durante a sua primeira fase) e de prospecções em novas áreas do vale são-francisco.
- (2) Das prospecções nas regiões de Lassance e J. Felício participaram as Profas. Eliana Carvalho, Lilia Cheuiche, Fernanda de Araujo e o Prof. Calasans Rodrigues. Na região de Buenópolis, além dos autores, participaram a Profa. Gilda de Andrade e a estagiária Christiane L. Machado. Das primeiras prospecções participaram ainda membros do IAB, seção de Montes Claros.
- (3) Equipes do Setor de Arqueologia do Mus. de Hist. Nat. da UFMG, do Centro de Pesquisas Geológicas e da CETEC da Secretaria do Meio Ambiente de Minas Gerais, também realizaram prospecções na região.
- (4) Chamamos de técnica linear com preenchimento por traços, quando as figuras possuem, além do contorno uma série de traços no interior, algumas formando desenhos.
- (5) Evidentemente não se trata de um realismo fotográfico, mas sim de figuras que, em comparação com aquelas consideradas como esquemáticas, aproximam-se bem mais do real.
- (6) Em consulta a caçadores da região, estes puderam identificar os seguintes animais representados nas pinturas: veado (campeiro e galheiro), paca, mocô, coelho, capivara, tatu, anta, tamanduã, onça, raposa, macaco; jacaré, tartaruga, tui; ema, marreco; piaba, bagre e pacu.
- (7) É interessante notar-se que os pontos da Lapa do buriti aparecem contornados por um traço completo, o que pode indicar a necessidade de delimitar-se a área das séries de pontos: na Lapa dos Peixes por esfoliamentos e na Lapa do Buriti por um traço.
- (8) Equipes da UFMG, do CPG e da CETEC localizaram material lítico em três sítios de Lassance, contudo não temos informação quanto ao contexto em que tal material foi localizado (Cf. DE PAULA e SEDA, op. cit.).

- (9) Tal fato vem sendo levantado e observado, tanto em publicações arqueológicas quanto antropológicas (Cf. PROUS, 1980/81' e REICHEL - DOLMATOFF, s/d).

## BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Eliana & CHEUICHE, Lilia.  
1975 Pesquisas Arqueológicas na Região do Médio São Francis - co. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro, IAB, 7: 21-53, il.
- CARVALHO, Eliana & SEDA, Paulo  
1982 Os sítios com Sinalações Pesquisados pelo IAB: Um guia Para Cadastramento. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro. IAB, 9: 23-67.
- COSTA, Cláudia Cotrim correa da et alii  
1981 Fauna do Cerrado - Lista Preliminar de Aves, Mamíferos e Répteis. Série Recursos Naturais e Meio Ambiente 9. Rio de Janeiro, Fund. Inst. Bras. de Geografia e Estatística, IBGE. 222p., il.
- DE PAULA, Fabiano Lopez & SEDA, Paulo  
1982 Catálogo dos Sítios de Minas Gerais. In: ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL; Belo Horizonte, UFMG, v. IV-V : 201-295.
- DIAS JR., Ondemar  
1975 Pesquisas Arqueológicas no sudeste Brasileiro. In: BOLETIM DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, IAB, (Série Especial 1). p. 3-31.  
1979 Um Método de Classificação Para Arte Rupestre. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro , IAB, 8: 55-67, il.  
1982 Mapa Arqueológico de Minas Gerais. In: ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL; Belo Horizonte, UFMG. v. IV-V: 297-309, il.
- DIAS JR., Ondemar; CARVALHO, Eliana & CHEUICHE, Lilia  
1976 Pesquisas Arqueológicas em Minas Gerais (Brasil): O PROPEVALE (Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco). Paris, Fondation Singer-polignac, 1976. Separata de Actes du XLII Congrès International des Americanistes ,

Paris, v. IX-A: 13-34.

IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

1977 Geografia do Brasil 3: Região Sudeste. Rio de Janeiro .  
667p., il.

PAVIA, Francisco

1976 Condiciones Habitacionales de Las Cavernas (Contribución a La Arqueología). In: CONGRESSO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA, 10, Ouro Preto, 1976, Anais ..., Ouro Preto, Pub. Rev. Espeleologia, p. 210-247, il.

PIERSON, Donald

1972 O Homem no Vale do São Francisco. t. I. SUVALE, Ministério do Interior, Rio de Janeiro, 361p., il.

PROUS, André

1980/ Fouilles du Grand Abri de Santana do Riacho (MG), Brésil.

/81 Separata de Journal de la Société des Americanistes, Paris, t. LXVII: 163-183, il.

PROUS, A.; LANNA, A.L. D. & DE PAULA, F. L.

1980 Estilística e Cronologia na Arte Rupestre de Minas Gerais. Antropologia, São Leopoldo, Inst. Anchietano de Pesquisas, 31: 121-146, il.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo

s/d Amazonian Cosmos - The Sexual and Religious Symbolism of The Tukano Indians. The University of Chicago Press. Chicago and London. 290p., il.

SCHIMITZ, Pedro Ignácio

1980 A Evolução da cultura no sudoeste de Goiás, Brasil. Antropologia. Inst. Anchietano de Pesquisas, 31: 185-225, il.

SEDA, Paulo Roberto

Novos Sítios Com Sinalações no Norte de Minas Gerais.

In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 1982, No prelo.

## ANEXO I

ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO COLETADO NA SERRA DO CABRAL, MG.

Paulo Roberto Seda

Laura P. R. Silva

Pesquisadores do IAB.

Christiane Lopes Machado

Pesquisadora Estagiária do IAB.

Durantes as prospecções realizadas na Serra do Cabral, em duas das lapas trabalhadas, o Sítio Pedras Altas, em Joaquim Felício e a Lapa do Nego I, em Buenópolis, coletou-se material cerâmico. Em ambos os sítios o material, além de pouco, apresentava-se superficialmente. Contudo, através da análise, foi possível verificar-se não só que o material de cada sítio foi produzido por grupos culturalmente distintos, como também identificar a que tradição estes associam-se.

1- Sítio MG-EF-04 Pedras Altas

Neste sítio foram coletados 12 cacos cerâmicos, sendo 9 simples e 3 decorados, que apresentaram as seguintes características:

- 1.1- Pasta: método de manufatura predominantemente acordelada, com roletes redondos.
- 1.2- Tempero: verificou-se um predomínio do tempero argiloso (muito fino, menor que 1mm), não visível a olho nu, ocorrendo ainda cacos moídos e, mais raramente, hematita e quartzo (predominantemente fino).
- 1.3- Textura: boa, normalmente coesa, com boa resistência mecânica.
- 1.4- Cor: predomínio da coloração creme, com alguns cacos avermelhados. A coloração dos núcleos variou muito, indo de negra à creme.
- 1.5- Queima: variada, alguns cacos com queima redutora e outros oxidante.
- 1.6- Superfície: cacos erodidos, mal alisados, com marcas de bolhas, possuindo na sua maior parte banho vermelho (na face externa) e engobo branco (na face interna). Um único caso de engobo branco (na face externa) e vermelho (na interna). Alguns cacos com pintura em faixa, medianamente larga, na fa-

ce interna, próxima à borda, acompanhando o contorno de peça. Acima desta faixa, pintura preta em linhas finas, apresentando padrões geométricos. Em certos casos verificou-se a presença de restos de comida na face interna.

1.7- Formas: a espessura das paredes varia entre 12mm (fundo) a 14 mm (corpo). Foram reconstituídas duas formas diferentes a partir das bordas, além de terem sido identificados alguns fundos planos, sem classificação:

1- tigela elíptica simples de borda extrovertida (Tipo 1C - segundo os padrões em uso no IAB - sistema 0. Dias), apresentando o diâmetro entre 40 e 24cm.

2- Vaso de boaca ampliada, paredes retas inclinadas para fora e corpo de tendência cônica (Tipo 2) e borda extrovertida com reforço interno (S/C), apresentando um diâmetro de 30cm.

1.8- Tipos estabelecidos:

a- simples: 5 cacos (41,6%) apresentando tempero de argila muito fina e cacos moídos de dimensões variadas, ocorrendo ainda alguma hematita e quartzo (normalmente muito fino) e espessura variando de 12 a 13mm. Os fundos identificados estão associados a este tipo.

b- banho vermelho: 2 cacos (16,6%) com leve banho vermelho na face externa, sendo ambos peças de bojo. Os cacos possuem 16 a 13mm de espessura.

c- engobado: 2 cacos (16,6%) apresentando engobo, sendo um na face interna (vermelho) e externa (branco) e outro apenas na externa (branco). Os cacos possuem 13mm de espessura, sendo um deles parte de bojo e o outro borda sem classificação, da forma denominada 2.

d- pintura policroma sobre engobo branco: 3 cacos (25%) apresentando pintura vermelha em faixas largas, junto à borda (face interna) e lábio e preta em linhas finas formando motivos geométricos. A pintura em faixa acompanha o contorno da peça. Um dos cacos apresenta junto à borda (na face externa) decoração escovada em linhas paralelas, aparentemente acompanhando o rolete. A espessura varia de 14 a 15mm e todos os cacos são borda de uma mesma peça, da forma denominada 1C.

2- Sítio MG-VF-03 Lapa do Nego I

Nesta lapa foram coletados 36 cacos, sendo que so-

mente 3 deles não possuíam decoração, cuja análise revelou as seguintes características:

- 2.1- Pasta: método de manufatura predominantemente acordelado, com roletes redondos e possíveis sinais de torno.
- 2.2- Tempero: predomínio de arenito rolado (grosso, maior que 1mm), talvez areia, bastante hematita, quartzo em menor quantidade e raras pelotas de argila. Nos cacos com arenito fino (menor que 1mm), este apresenta-se mais facetado.
- 2.3- Textura: boa, predominantemente coesa, com boa resistência mecânica.
- 2.4- Cor: quase que exclusivamente creme, alguns cacos ou áreas avermelhadas e outros enegrecidos.
- 2.5- Queima: variada, predominando a redutora, com alguns núcleos negros, de redução, e um único caco com queima totalmente redutora.
- 2.6- Superfície: cacos pouco erodidos, regularmente alisados, todos apresentando decoração escovada (a exceção de 3 cacos), em alguns cacos mais profunda que em outros, sendo esta, praticamente, a única diferença entre as faces interna e externa. Tempero à superfície em alguns cacos.
- 2.7- Formas: a espessura das paredes variou de 3mm (provavelmente próximo à borda ou o pescoço) a 13mm (fundo). A partir da análise das bordas foi reconstituída uma única forma: vaso de paredes curvas, inclinadas para o interior, corpo globular e borda levemente inclinada para fora (Tipo 4H), apresentando 16cm de diâmetro. Foram ainda identificados 2 fundos planos, sem classificação, com decoração escovada forte e apresentando sinais que sugerem a utilização de torno.
- 2.8- Tipos estabelecidos: pelo fato de 91,6% do material apresentar decoração, inclusive do mesmo tipo, optamos por fazer a série somente pelo tempero, embora mantendo a separação simples-decorado dentro de cada tipo:
  - a- arenito grosso com hematita: 27 cacos (75%) apresentando tempero de grão de arenito rolado, com dimensões superiores a 1mm, ocorrendo ainda hematita (também predominantemente maior que 1mm), grãos de quartzo e raras pelotas de argila, com espessura variando de 6 (bojo) a 13 mm (fundo). Todos os cacos apresentavam decoração escovada, Os fundos identificados estão associados a este tipo.



b- arenito fino: 9 cacos (25%) com tempero, quase que exclusivo, de grãos de arenito de tendência mais facetada e dimensões inferiores a 1mm. Hematita, quartzo e argila, não visíveis a olho nu, aparecem em ínfima quantidade. A espessura dos cacos variou de 3 (próximo à borda ou pescoço) a 10mm (borda). A este tipo, associam-se 2 bordas, restauradas, da forma denominada 4H. Destes 9 cacos, 6 (66,6%) possuem decoração levemente escovada e 3 (33,3%) não apresentam decoração.

### 3- Conclusão

Da análise desta pequena quantidade de material podem ser depreendidas as seguintes conclusões:

- 1- A análise de formas do material recolhido no Sítio Pedras Altas revelou que os cacos são originários de pelo menos duas peças diferentes;
- 2- No Sítio Lapa do Nego I, o fato de os únicos cacos sem decoração terem sido identificados como bordas (ou próximo à borda), nos leva a crer que a decoração estivesse mais restrita ao bojo. Além disto, a análise demonstrou que os cacos de tempero grosso e tempero fino representam duas peças diferentes (tempero diferente, decoração levemente escovada nos finos e mais marcada nos grossos, arenito rolado e arenito mais facetado, etc.). Inclusive, vários cacos puderam ser restaurados, sendo sempre esta de cacos de tempero grosso com outros de tempero grosso e de tempero fino com tempero fino. Tal fato vem ainda comprovar a funcionalidade do método utilizado (MEGGERS e EVANS, 1970);
- 3- A análise revelou ainda que o material do Sítio Pedras Altas enquadra-se nas características gerais da Tradição Tupiguarani, enquanto que aquele encontrado na Lapa do Nego I associa-se à Tradição Neo-brasileira;
- 4- O material do Sítio Pedras Altas, embora pertencendo à Tradição Tupiguarani, não se enquadra na Fase Catuni, da citada tradição, diagnosticada próxima à região, no município de Francisco Sá (CARVALHO e CHEUCHE, 1975);
- 5- Finalmente, a identificação destas duas tradições demonstra claramente a ocupação da Serra do Cabral por grupos de horticultores, tanto indígenas quanto neo-brasileiros.

## BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Eliana e CHEUICHE, Lilia

- 1975 Pesquisas Arqueológicas na Região do Médio São Francisco. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, IAB, 7: 21-53, il.

CHMYZ, Igor et alii

- 1976 Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. Paraná, Mus. Arq. e Artes Pop., Univ. Fed. do Paraná. Separata de Cadernos de Arq., Paranaguá, 1: 119-148, il.

MEGGERS, Betty e EVANS, Clifford

- 1970 Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica. Manual para Arqueólogos. Washington, Smithsonian Institution. 111 p., il.

ANEXO 2ANÁLISE DO MATERIAL LÍTICO COLETADO NA SERRA DO CABRAL, MG.

Rosângela Menezes  
Pesquisadora do IAB

Christiane L. Machado  
Pesquisadora-estagiária do IAB

Durante as prospecções realizadas na Serra do Cabral, em três das lapas trabalhadas, o Sítio Pedras Altas, em Joaquim Felício; Lapa do Nego I e Lapa Pintada III, ambas em Buenópolis, coletou-se material lítico, que embora apresentando-se superficialmente e escasso, possibilitou-nos diagnosticar 8 tipos de artefatos, a partir tanto de lascas, como de seixos e blocos, num total de 34 peças.

Para a classificação tipológica, adotamos, de acordo com a metodologia que vem sendo aplicada na análise de material lítico, em laboratório do Instituto de Arqueologia Brasileira, o seguinte critério: quanto a forma da peça e ângulo do bordo ativo. Esta classificação foi elaborada a partir de uma adaptação da terminologia lítica apresentada por Laming-Emperaire (1).

TIPOS DE ARTEFATOS

- RASPADOR - peça geralmente plano-convexa, com gume espesso, formando o ângulo muito aberto ( $45^\circ$ ) com a face superior.
- FACA - peça geralmente plano-convexa, com um bordo mais espesso que o bordo ativo, formando este um ângulo muito fechado ( $45^\circ$ ) com a face superior.
- RASPADOR OU FACA COM ESCOTADURA - peça geralmente plano-convexa, apresentando uma extremidade ou lado, com um entalhe bem delineado por pequenos lascamento abruptos, combinando com outro bordo ativo.
- RASPADOR NUCLEIFORME - Peça obtida pelo preparo rudimentar de um núcleo por regularização do plano de percussão e lascamentos abruptos do bordo ativo.
- RASPADOR SEMI-CIRCULAR - Peça em forma de disco cujo bordo ativo se estende somente até a metade da periferia.
- PRÉ-FORMA - qualquer peça em preparação não totalmente delineada.

LÂMINA DE MACHADO POLIDA - peça de forma um tanto indefinida, com gume em bisel duplo, mais ou menos perpendicular ao seu eixo longitudinal.

### RESULTADOS DA ANÁLISE

Da análise do material obtivemos os seguintes resultados:

1 - As peças mais frequentes foram utilizadas sobre lascas (91,2%) seguidas das de seixos (5,9%) e blocos (2,9%).

2 - Quanto a matéria-prima predomina o quartzito (50%) . As demais são representadas pelo quartzo (32,4%), arenito (11,8%), tendo o diabásio e a calcedônia o mesmo percentual (2,9%).

OBS: A matéria-prima identificada como arenito aproxima-se muito do quartzito, porém como o arenito apresentou granulação mais grossa, preferimos no momento classificá-lo como tal.

3 - Entre os artefatos ocorreu maior frequência de raspadores (29,4%) e de facas (23,5%) do total das peças.

4 - Em relação à distribuição de artefatos por matéria-prima, o quartzito apareceu em maior número na distribuição dos tipos (Vide quadro 3).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Lapa do Nego I, além de material lítico, foram também coletados cacos de cerâmica, estes pertencentes a Tradição Neo-Brasileira, É provável que o material lítico analisado esteja associado a esta última.

Quanto a Lapa Pintada III, esta encontra-se muito perturbada pela presença constante de garimpeiros. Em virtude disto, parte do material lítico coletado não constou da análise. Ressaltamos também, que o artefato lâmina de machado encontrado no exterior desta Lapa, distante da entrada, foi elaborado sobre diabásio, que segundo as informações, não aflora nesta área.

No Sítio Pedras Altas, foram coletados material lítico e cerâmico, este da Tradição Tupiguarani. Pelo fato de ser comum aparecerem lascas associadas a esta Tradição Cerâmica, é provável que o material lítico analisado deste sítio, esteja associa-

do a ela.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LAMING-EMPERAIRE, Annette

1967 Guia para o estudo das Indústrias Líticas da América do Sul. Manuais de Arqueologia 2, Curitiba, Centro Ens.Pesq. Arqueológicas. p.155.

MORAES, Águeda Vilhena de

1976 A Indústria Lítica do Sítio Aldeia da Queimada Nova, Município de São Raimundo Nonato, PI. Revista do Museu Paulista, Nova Série. São Paulo, Univ. São Paulo, XXIII:21 - 40.

20,0			
20,0			
20,4			
11,8			
2,9			
91,2	31		Subtotal
2,9	1	Raspador nucleiforme	
2,9	1	Lâmina de machado pontada	
2,9	2		Subtotal
2,9	1	Raspador semi-circular	
2,9	1		Subtotal
100,0	34		Total

## QUADRO 1

Lapa do Nego I

Lapa Pintada III

Sítio Pedras Altas

Serra do Cabral

Minas Gerais

## FREQUÊNCIA DO TIPOS DE ARTEFATOS

	TIPOS	n.a	%
LASCA	Faca	8	23,5
	Faca com escotadura	7	20,6
	Raspador	10	29,4
	Raspador com escotadura	4	11,8
	Pré-forma	2	5,9
SUBTOTAL		31	91,2
SEIXO	Raspador nucleiforme	1	2,9
	Lâmina de machado polida	1	2,9
SUBTOTAL		2	5,9
BLOCO	Raspador semi-circular	1	2,9
SUBTOTAL		1	2,9
TOTAL		34	100,0

QUADRO 2

Lapa do Nego I  
 Lapa Pintada III  
 Sítio Pedras Altas  
 Serra do Cabral  
 Minas Gerais

FREQUÊNCIA DE MATÉRIA-PRIMA

MATÉRIA-PRIMA	n. a	%
Quartzito	17	50,0
Quartzo	11	32,4
Arenito	4	11,8
Diabásio	1	2,9
Calcedônia	1	2,9
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>100,0</b>

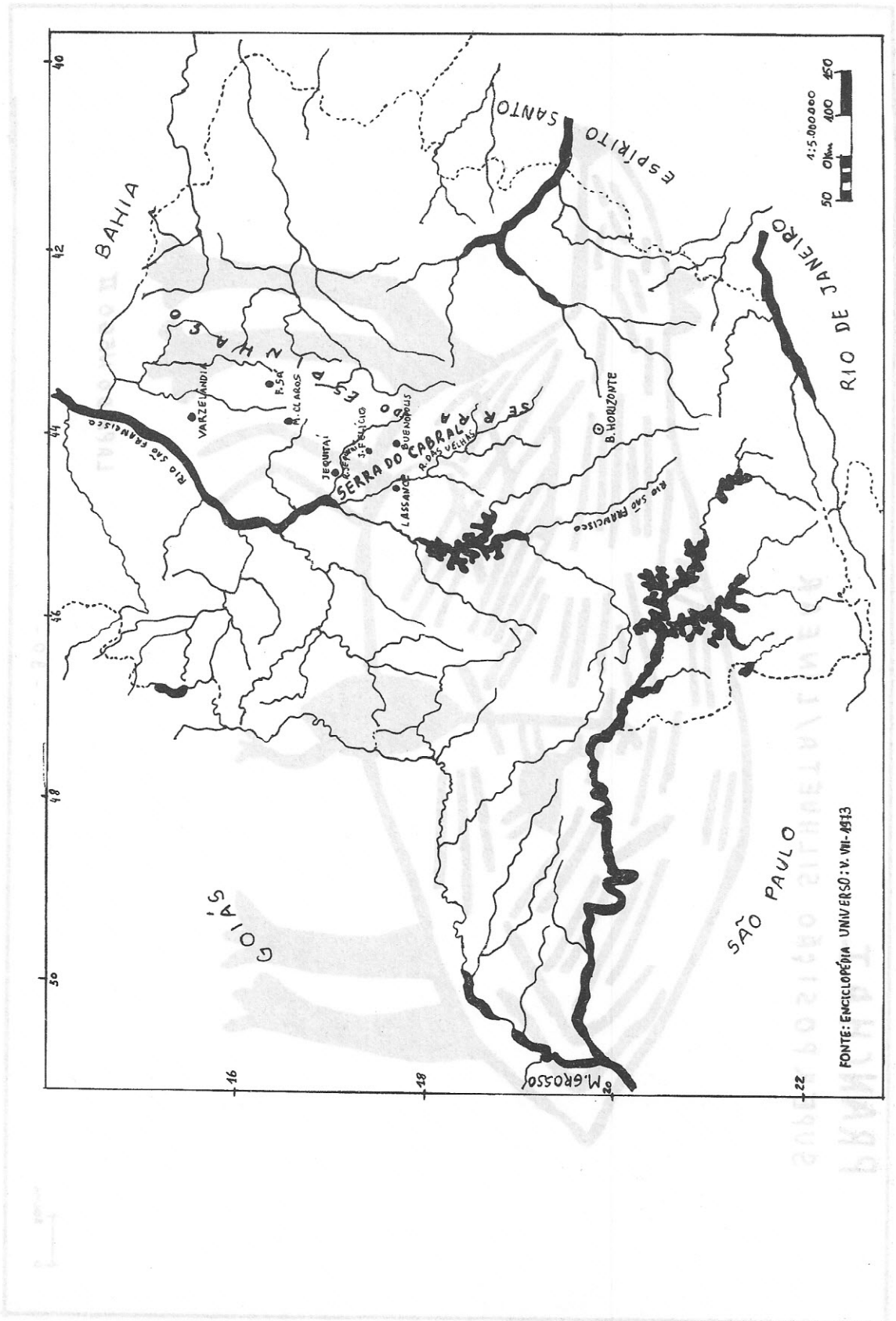
## QUADRO 3

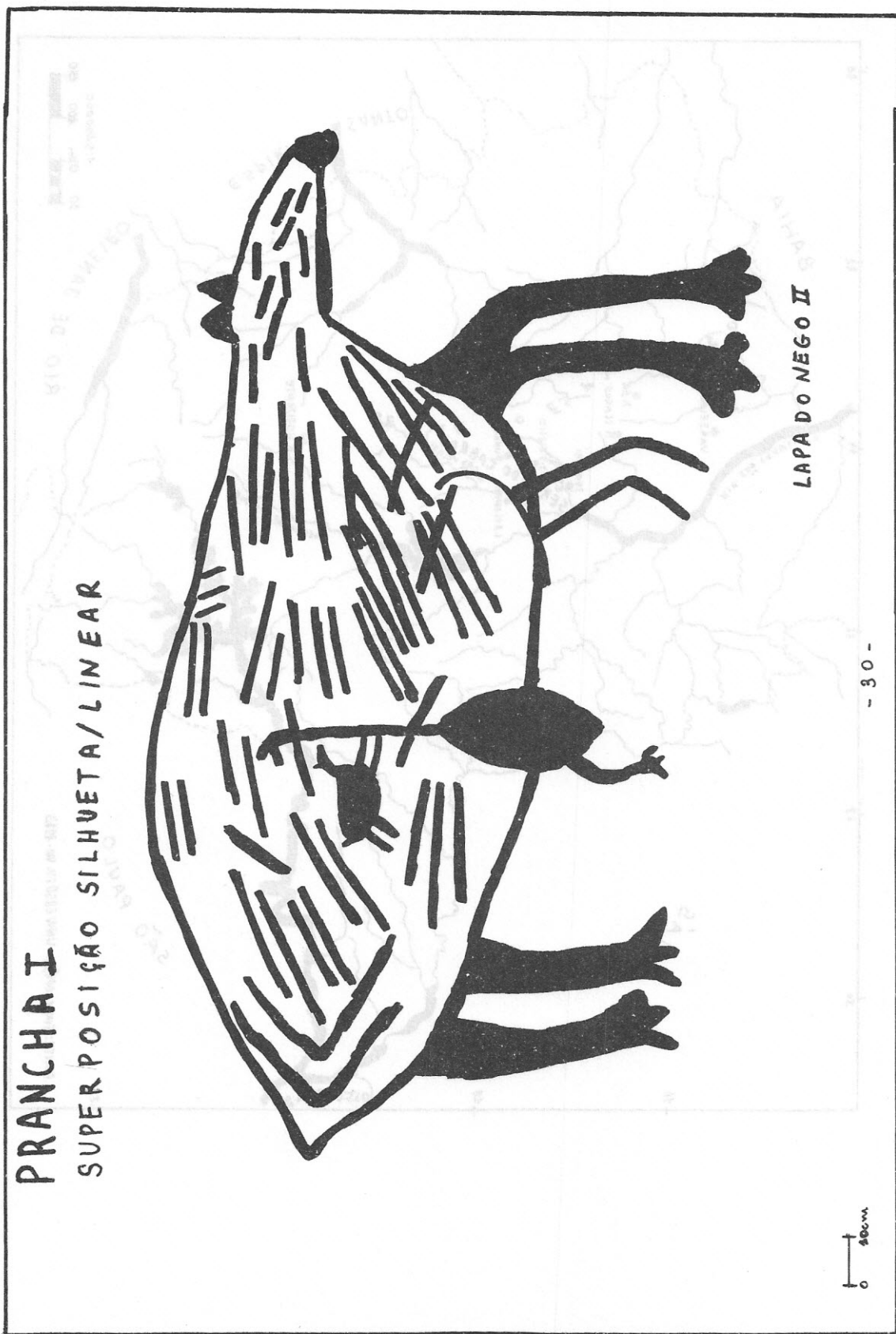
Lapa do Nego I  
Lapa Pintada III  
Sítio Pedras Altas  
Serra do Cabral  
Minas Gerais

## DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE ARTEFATOS POR MATÉRIA-PRIMA

	MATÉRIA-PRIMA TIPOS	QUARZITO		QUARTZO		ARENITO		DIABÁSIO		CALCEDÔNIA		TOTAL	
		n.a	%	n.a	%	n.a	%	n.a	%	n.a	%	n.a	%
LASCA	Faca	6	75,0	-	-	2	25,0	-	-	-	-	8	100
	Faca com escotadura	5	71,4	1	14,3	1	14,3	-	-	-	-	7	100
	Raspador	5	50,0	5	50,0	-	-	-	-	-	-	10	100
	Raspador com escotadura	-	-	3	75,0	1	25,0	-	-	-	-	4	100
	Pré-forma	1	50,0	1	50,0	-	-	-	-	-	-	2	100
SEIXO	Raspador nucleiforme	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100,0	1	100
	Lâmina de machado polida	-	-	-	-	-	-	1	100,0	-	-	1	100
BLOCO	Raspador semi-circular	-	-	1	100,0	-	-	-	-	-	-	1	100
TOTAL		17	50,0	11	32,4	4	11,8	1	2,9	1	2,9	34	100



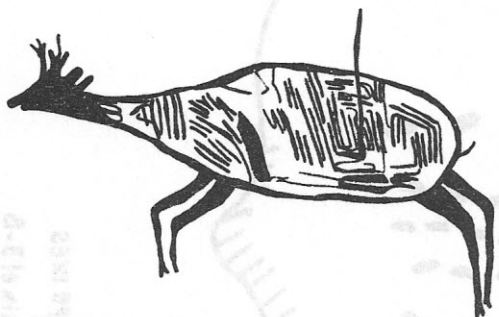






TIPOS DE SINALAÇÕES

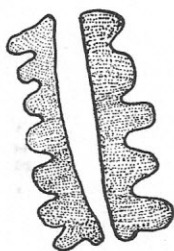
SERRA DO CABRAL



**ZOOMORFOS** *Linear com traços*  
 PEDRAS ALTAS (1,40m x 0,80m)



**ZOOMORFO** *Silhueta*  
 LAPA DO NEGÓI (31cm x 23cm)



**NÃO FIGURATIVO**  
 LAPA DOS PEIXES (52cm x 19cm)



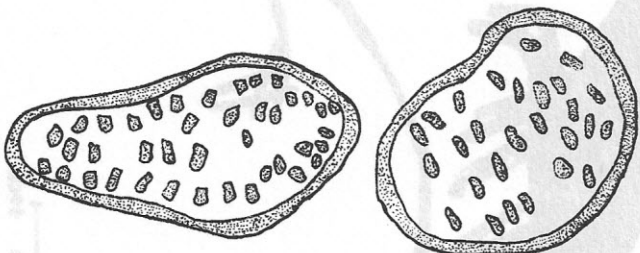
**GEOMÉTRICO**  
 PEDRAS ALTAS (15cm x 10cm)



**ANTROPOMORFO**  
 LAPA DO NEGÓI (14cm x 13,5cm)



**ASTRONÔMICO**  
 PEDRAS ALTAS (25cm x 20cm)



**SÉRIE DE PONTOS**  
 LAPA DO BURITÍ (65cm x 20cm)



**FITOMORFO**  
 LAPA DA EMA (17cm x 8,7cm)

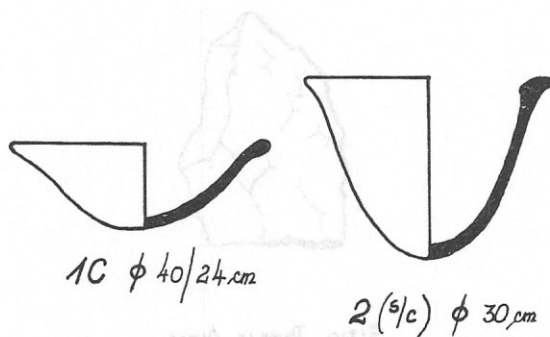
- VERMELHO
- AMARELO
- PRETO

DES: G. ANDRADE

# FORMAS CERÂMICAS RECONSTITUÍDAS

## SERRA DO CABRAL

### TRADIÇÃO TUPIGUARANI'



### TRADIÇÃO NEO-BRASILEIRA



DES: P. SEDA

ARTEFATOS LÍTICOS  
SERRA DO CABRAL

RASPADOR DE QUARTZITO



SITIO PEDRAS ALTAS  
JOAQUIM FELICIO

PRE-FORMA DE QUARTZO



SITIO PEDRAS ALTAS  
JOAQUIM FELICIO

FACA COM ESCOTADURA DE ARENITO



SITIO LAPA DO NEGO  
BUENOPOLIS

RASPADOR SEMI-CIRCULAR DE QUARTZO



SITIO LAPA PINTADA  
BUENOPOLIS

DES: E. SELLEI